

JORNAL DE MELGACO

Proprietario e editor, EDUARDO A. DE MACALHANS

A CALDA BORDELEZA EM PÓ

A preparação da calda bordeleza com o sulfato de cobre e cal ou sôda, segundo as diversas formulas conhecidas, não offerece difficuldade alguma, e a maior parte dos nossos viticultores tem já alguma pratica d'esta operação a que se viram obrigados a recorrer em vista do fortissimo ataque de mildew que, em 1893, se generalizou por todas as vinhas do paiz, cerecendo consideravelmente a nossa producção vinicola, e prejudicando muito o varejo em que tinha de assentar a póda do anno seguinte.

Não obstante essa circumstancia, porém, nem sempre a calda assim preparada dá os resultados que eram de esperar, e acontece muitas vezes, ora queimar as parras, ora não ficar a vinha completamente prevenida contra um brusco ataque do mildew; e isto provem geralmente da impureza do sulfato e da cal empregadas na confecção da calda, ou no descuido em regular a proporção em que esses dois elementos devem entrar na sua preparação.

O viticultor nem sempre está habilitado a verificar a pureza ou a dosagem do sulfato e da cal que emprega no fabrico da calda, e, apesar de seguir á risca a formula que lhe foi indicada, pode acontecer que o producto não corresponda ao que deveria ser, se o sulfato e a cal tivessem a dosagem conveniente.

Quando o sulfato existe em excesso, a calda queima a parra da vinha tratada, e se a cal existe em quantidade mais que bastante para decompor todo o sulfato de cobre, torna menos activa a acção do remedio, fórma um deposito maior nas vasilhas e nos pulverisadores, entupindo-os constantemente e o-

brigando a uma agitação ininterrupta, e que faz augmentar o custo do tratamento: além de que a adherencia da calda diminue sensivelmente com um excesso de cal.

Uma parte d'este grande inconveniente foi já obviada por uma lei que obriga o vendedor do sulfato de cobre a apresentar ao comprador a copia autentica da analyse que ao producto foi feita na alfandega pelo agronomo incumbido d'este serviço. Se porém o comprador póde saber a percentagem de sulfato de cobre que existe no sal que compra, não lhe acontece o mesmo com a cal que tem de empregar no fabrico da calda, pois todos sabem que é de composição muito variada a cal que se encontra nas regiões tão diversas do paiz, e é quasi impossivel indicar com precisão a quantia de cal necessaria para desdobrar completamente uma determinada quantidade de sulfato de cobre. E' esta a principal razão porque a calda fica imperfeitamente confeccionada ao maior numero de vezes.

Devido ao snr. Millardet, um benemerito da viticultura, a quem se deve a descoberta do remedio mais efficaz contra a mildew, este grande inconveniente da preparação da calda parece estar completa e satisfactoriamente resolvido, por meio da calda bordeleza em pó que elle conseguiu obter e depois de varias e repetidas experiencias.

Na calda em pó do snr. Millardet não se encontra a minima quantidade de cobre sob a forma de sal, acetato ou sulfato, que são os que queimam a parra, pois todo o cobre fica completamente convertido em hydrato de oxido de cobre, que é o que mata os esporos do mildew, ou peronospora, sem causar prejuizo algum á vegetação da videira.

O illustre chimico obteve este resultado dissolvendo em agua o sulfato de cobre e fazendo-o em seguida precipitar em fórma de oxido de cobre por meio de um reagente alcalino. E' este oxido de cobre, depois de secco que constitue a calda em pó.

Este pó deita-lo em agua, na razão de 1 1/2 kilogrammas para 100 litros d'agua, dissolve-se rapidamente quando agitado com um pau, produzindo um liquido azul celeste, bem limpido caracteristico, conservando a cor sem alteração alguma.

Deixada a calda em repouso o pó deposita como na calda preparada com o sulfato o cal, sendo por isso preciso agital-o na occasião da applicação.

A calda em pó é d'uma grande vantagem para o viticultor, pois alem de obviar os inconvenientes acima apontados da preparação, tem a facilidade de poder ser confeccionada quasi instantaneamente na occasião da applicação, e actuar rapidamente sobre o mildew, tanto pela sua maior adherencia ás folhas como pela maior promptidão com que ellas absorvem o hydrato de oxido de cobre assim preparado.

E' tambem mais facil conhecer a pureza do pó do que do sulfato e da cal, porque não precisa de ser analysado.

E' bastante dissolver uma pequena porção de pó em agua, n'uma vasilha qualquer, e quando o liquido apresentar outra cor que não seja azul celeste, ou apresentando-a ao principio fór depois escurecendo successivamente a ponto de se tornar violeta ou negra ao fim de oito dias, é signal certo de que o pó não é puro, e portanto a calda com elle preparada não é efficaz contra o mildew.

E é de absoluta necessidade

que o viticultor passe a exercer por si uma fiscalisação rigorosa nos productos e remedios que emprega do tratamento das vinhas, porque não só as diversas molestias da vinha o obrigam a um maior dispendio na sua cultura, mas ainda um grande numero de negociantes de má fé tentam explorar-o vendendo-lhe como bons e a preços elevados, generos falsificados e adulterados que fabricam ou compram a baixo preço, não se peizando de enriquecer á custa da miseria d'aquelles que elles enganam e exploram.

CARTA DE LISBOA

Lisboa, 31 de março

O assumpto obrigado de todas as conversas, durante a ultima semana, tem sido o incidente entre a commissão da camara municipal do Porto, e o snr. ministro do reino.

Como todos sabem, a illustre vereação da capital do norte deliberou, em uma das suas ultimas sessões, protestar contra a ultima reforma administrativa. Eleita uma commissão composta de vereadores, veio ella a Lisboa procurando ali o snr. ministro do reino, apresentando-lhe a representação, e pedindo-lhe que sollicitasse d'el-rei uma audiencia.

O snr. ministro do reino, depois de ler a representação declarou que não a achava em termos convenientes recusando-se, por esse motivo, a satisfazer o pedido que lhe era feito.

A commissão insistiu, teimou protestou o seu grande respeito pelo monarcha e pelas instituições mas nada commoveu o coração empedernido do sur. Franco Castello Branco.

nia!

Dolores, assim se chamava, começou a aceitar-lhe a corte. Mas se Boaventura fosse homem de juizo devia ter reparado que ella othava mais para o toiro de que para elle.

Boaventura escreveu duas palavras n'uma folha da carteira e deu-lhe o papelinho á saida. A dama leu-o mesmo na rua, aproveitando a confusão do povo, disse-lhe que não entendia, e que ás dez horas da noite apparecesse debaixo da sua janella na rua da Soledade.

Eram dez horas e meia já o homem lá estava. A' hora indicada appareceu ella vestida de branco, fez-lhe *psiu* e com uma voz que parecia musica celestial, disse-lhe:

— Os maos não se deitaram ainda.

(Continua)

(2) FOLHETIM

ATRAZ DA FELICIDADE

Um dia arranjou as malas, despediu-se bruscamente dos seus amigos e partiu para o Porto, onde se demorou unicamente vinte e quatro horas. Seguiu para Lisboa que não teve enlevo para o de ter para mais de tres dias. Metten-se no caminho de ferro e parou em Badajoz.

Ah sim; já se não fallava a linguagem das determinações em *ão*, que lhe atormentava os onvidos como uma loja de caldeireiro. Ah, sim que as palavras sahiam dos labios das mulheres como que impregnadas d'um perfume que accendia a febre dos sentidos.

— Já não saio d'aquí— disse Boaventura consigo. — Onde irei eu achar um paraiso como este?!

Não ha prazer perfeito n'esta vida. Ao jantar conheceu Boaventura que o vinho era limonado e a sopa atirava para cabeças de pregos com tomates. A' noite achou uma cama tão agradável como a tampa de um bahu e tão apropriada á conciliação do sono como um patacho em noites de mar picado.

O dia seguinte ao da sua chegada era domingo. Saíam da missa quando o meu heroe chegava á praça da Constituição. Que mulheres! Boaventura sentiu-se preso por quatro, e ia já seguindo uma *rubia*, quando ao voltar da esquina para a rua de S. João, deu com a vista n'uns olhos que o atravessavam de lado a lado.

Alta; airosa; uma rainha! Mantilha de rendas a fingir que lhe cobria a cabeça e um *abanico* a abrigal-a dos raios do sol.

O dia estava magnifico, as ruas seccas e limpas; mas a innocente pensou ver-lhe a na ao passar defron-

te de Boaventura, arregaçou o vestido e deixou ver um pé, pequenino, saltitante, doido, a adejar por cima das pedras.

O meu heroe sentiu uma vertigem, caiu-lhe a bengala da mão abaixou-se para a apanhar, mas com a vista sempre pregada no pé. Ella volveu graciosamente os olhos vi-o n'aquella posição, deixou cahir o vestido e disse;

— Ah!

Aquella ai decidia a sorte de Boaventura.

A' tarde foi aos toiros. Lá estava ella n'um camarote, pelas grades do qual saia o biquinho do pé supra-mencionado.

Quem é que não sabe o poder que tem o biquinho de um pé encantador visto pelas grades de um camarote!

Devemos confessar que o homem é um covarde em presença d'aquelle poder extraordinario que nos fez curvar a cabeça em tardes de venta-

Sua ex.ª em dizendo... disse. E tal qual Pilatos, que quando escreveu... escreveu!

O que nós não sabemos é se a sentença do sr. João Franco foi tão justa como a de Pilatos. Crêmos, mesmo, estar convencidos que Peneio Pilatos julgou mal e o sr. João Franco bem.

Não, é impossível que um ministro de estado, um rapaz ainda novo, que deve ter ideias suas sobre liberdade, se recusasse a apresentar a el-rei a comissão do primeiro município do paiz, sem que a representação de que era portador contivesse palavras e phrases inconvenientes e desrespeitosas.

Ninguém, que tenha, senso, deixará de se convencer d'isto.

Caso assim não fosse o sr. João Franco assumia uma grave responsabilidade, tão grave mesmo, que nem ainda com a sua farda de conselheiro de estado, vestida n'um magro corpinho, poderia com ella.

Não, não acreditamos. O sr. Franco sabe muito bem, porque saiu hontem dos bancos da Universidade, e é intelligente, que os tempos do absolutismo já lá vão, e que em vez da côr vermelha figuraram hoje na nossa bandeira as côres azul e branca, symbolo da liberdade comprada á custa de muitos sacrificios e de muito sangue.

O sr. Franco sabe tambem que no ultimo quartel do seculo 19 se não pode brincar impunemente nem zombar das franquias e liberdades publicas.

O sr. Franco tambem não pôde ignorar que, quando as grandes potencias da Europa toleram os anarchistas, os nihilistas, os communistas, o diabo enfim, não é justo, não é razoavel, é perigoso até, que em Portugal um ministro de estado impedisse, sem justos motivos, a entrada no paço a cidadãos livres que queriam queixar-se ao seu rei e pedir-lhe providencias contra uma lei que julgavam attentatoria da liberdade de que tem gosado o paiz.

Por estas razões, estamos persuadidos que o sr. Franco andou bem, muito bem mesmo, e isto é negocio que se ha de apurar dentro de poucos dias, e logo que haja pleno conhecimento dos termos em que se acha escripta a representação.

Por enquanto estamos ao lado do governo.

Deus nos livre que tivesse succedido o contrario do que dissemos. Deus nos livre que a representação estivesse escripta em termos morigerados e sérios, porque, caso tal acontecesse, o procedimento do ministro de reino seria o mais censuravel possivel. Não haveria mesmo palavras, na lingua portugueza, que podessem dar uma leve ideia da indignação que todos os portuguezes sentiriam com tão insolito proceder!

Não, é impossivel! — Consta que já foi lida em conselho de ministros a reforma eleitoral, cujo relatório está concluido.

Diz-se que são extintos os pareos vitalícios, e adoptado o scrutinio por lista. Estabeleceram-se tambem as incompatibilidades em larga escala.

D'aquí vae com toda a certeza sair uma série de protestos e de gritos de indignação dos partidos opposicionistas.

O que nós precisavamos era que o governo olhasse com attenção para o estado financeiro do paiz, e que se deixasse por uma vez de politica.

Preciso era que se equilibrasse a receita com a despesa, que não gastassem mais do que o que temos, que se auxiliassem e protegessem eficazmente, as industrias nacionaes, e que finalmente, se extinguissem muitos logares ronciosos que ha por esse paiz fóra e cujos titulares não prestam serviço, algum ao estado.

O sr ministro da guerra é que vae dando pancada nos generaes, como Santhiago nos Mouros.

Rara é a semana em que não apparece um general reformado.

Ultimamente foi o sr. Malaquias de Sá.

Este distincto official é que se não conformou com isto, e requereu inspecção por nova junta. E' claro que esta foi da opinião da primeira. O general manifestou a sua indignação pela impruvidencia.

Dizem que vae ser castigado com 12 dias de prisão.

D'aquí a pouco tempo o sr. ministro da guerra está general.

Até á semana.

Theophilo

CAMARA MUNICIPAL

Sessão de 27 de março

Presidente — sr. Hermenegildo José Solheira.

Vereadores—srs. Francisco Antonio Esteves, Justiniano Antonio Esteves, Victorino Augusto dos Santos Lima e Manoel Baptista Domingues.

Lida, approvada e assignada a acta da sessão anterior, deu-se conta do seguinte:

— Pelo presidente foi apresentada a conta da receita e despesa da camara, do anno de 1894.

— Foi apresentado um requerimento de Agostinho Colmeiro, d'esta villa, pedindo para se tomar por termo de declaração, para que seus filhos sejam, para todos os effectos, considerados cidadãos hespanhoes, como elle é, o qual foi mandado tomar.

Nada mais havendo a tractar, foi levantada a sessão.

FACTOS DA SEMANA

Julgamento

Teve lugar no dia 28 do mez passado o julgamento em policia correccional de José Gonçalves e sua irmã Maria Gonçalves de Souto Mendo, de Fiães.

Eram accusados do crime de offensas corporaes praticadas na pessoa do sr. José Maria Quinteila, digno escripto do juzado de paz, de Castro Laboreiro.

Ambos os réos foram absolvidos por falta de provas.

Teve tambem lugar nos dias 26 e 27 do mez passado o julgamento em policia correccional de Mathias da Rocha, casado, luzzador, do logar de Paradeilla, freguezia de Penso, accusado do crime de offensas corporaes.

Foi tambem absolvido por falta de provas.

No primeiro dia do julgamento, uma testemunha de accusação, foi encontrada em contra-dicção e auctuada.

Livrou-se o ratão no dia seguinte indo declarar em pleno tribunal que mentira na vespera como cão, e que o seu depoimento escripto no corpo de delicto é que era o verdadeiro.

Não diremos o nome d'esse sujeito, porque não queremos sujar o jornal.

Patife.

Feira.

A feira do dia 15 d'abril em S. Gregorio não tem lugar, devendo realizar-se no dia 7 do corrente mez d'abril.

Fallecimentos.

Falleceram: No dia 22 do mez passado, em S. Gregorio, a sr.ª D. Joaquina da Cunha Vianna, sogra dos nossos amigos e assignantes, srs. Guilherme Candido de Sousa Vianna e Antonio José Rodrigues.

No dia 15 do mesmo mez n'esta villa, a sr.ª D. Rosa de Castro.

No dia 28 tambem n'esta villa a sr.ª D. Marinha de Jesus Fernandes.

A's familias enluctadas os nossos sentimentos.

Cães.

O sr. Antonio da Cunha entendeu de toda a justiça não matar um cão que appareceu damnado no logar da Pigarra, suburdios d'esta villa.

O cão pertencia ao sr. Cunha, que tinha restricta obrigação de tomar as convenientes providencias, quando percebeu que o animal tinha sido atacado da terrivel molestia.

Não o fez, porem, e o resultado foi o cão, que era um animal bastante corpulento, vir a esta villa no dia 24 do mez passa-

do, merlendo um grande numero de cães.

Narramos este facto para conhecimento dos nossos leitores.

Providencias não as pedimos porque temos a certeza que as auctoridades competentes as não darão.

Baptisado.

No dia 26 do mez passado foi baptisado na igreja matriz d'esta villa, um filhinho do nosso amigo sr. Joaquim d'Egas Afonso, a quem foi posto o nome de Joaquim.

Foram padrinhos, o nosso amigo sr. Joaquim Esteves, acreditado negociante e a menina Maria Amelia, interessante filha do nosso amigo Joaquim d'Egas Afonso.

Findo o baptisado foi servido um magnifico jantar a todos os convidados, que se retiraram extremo penherados pela forma como foram recebidos.

Lampreias.

Desforrou-se o rio Miúdo apresentando-nos uma multidão de lampreias, que tem sido saboreadas pelos golosos habitantes d'esta villa.

Só em tainas já lá vão mais de 40!

Pobres lampreias que ficam vivas!

O' taineiros, não comam mais para no proximo anno ainda termos algumas no rio.

Que lampreias, que estomagos, e que pandegos!

Arrematação.

Realison-se n'esta villa, no dia 31 do mez findo, a arrematação de todo o fogo destinado aos festejos de S. João, no corrente anno, ficando com metade o pyrotechnico Antonio Joaquim Gonçalves, (O Carvalho) d'este concelho, e Bento Lourenço, de Santa Christina (Gallisa,) com outra metade.

Pedido.

Pelimos á illustre camara municipal d'este concelho que não mande concertar as calçadas das ruas do interior da villa, que estão desgraçadinhas de tudo.

Na rua de Baixo, proximo á casa da sr.ª Maria de Carvalho ha um verdadeiro obiqueiro, que pôde até ser prejudicial á saude publica.

Mas não mandam concertar, não?

Em qualquer das supraditas ruas, pôde uma pessoa de bem ou mesmo um tratante, cair e quebrar a cabeça, porque as pedras são mais que muitas, e andam aos pontapés, a quem tem a pouca vergonha de passar n'aquelle antro.

Mas não concertem as calçadas, não?

Nunca fomos attendidos quando pedimos alguma cousa util, mas agora ha de succeder o contrario, olé!

BOLETIM ELEGANTE

— Foi a Vianna na dia 26 do mez findo, regressado a esta villa no mesmo dia, o ex.^{mo} snr. José Candido Gomes d'Abreu, respeitavel cavalheiro d'esta villa.

— Regressou de Braga, o nosso estimavel amigo, sr. Avelino Domingues Lourenço, abastado capitalista.

— Vimos n'esta villa os seguintes cavalheiros:

Snr. João Carlos de Lima, digno socio da acreditada firma commercial Ribeiro & Lima, de Vianna e José Brandão, de Monsão.

— Foi a Monsão na semana passada, o ex.^{mo} snr. dr. Antonio Pereira de Sousa, distincto clinico, d'esta villa.

— Regressaram de Vianna, os snrs. Amadeu Ribeiro Lima e Antonio Xavier Ribeiro de Figueiredo e Castro, estudiosos academicos.

— Tem estado doentes o snr. Lourenço José Ribeiro de Figueiredo e Castro, da casa da Portella, em Paderne, e o menino Antonio Augusto Durães, estremecido filhinho do snr. dr. Antonio Joaquim Durães, digno e illustrado conservador d'esta comarca.

— Tambem esteve alguns dias encommoado, o snr. Francisco Pires, acreditado negociante d'esta praça.

— Esteve n'esta villa, o ex.^{mo} snr. dr. José de Miranda Arantes, integerrimo juiz das execuções fiscaes n'este concelho.

— Consta-nos que se acham doentes, em S. Gregorio, a ex.^{ma} snr.^a D. Julia Corrêa dos Santos, e o snr. Julio Augusto de Souza Vianna.

— Esteve n'esta villa alguns dias, o snr. Moncel de Jesus Puga, muito digno resebedor da comarca de Monsão.

CORRESPONDENCIA

Rio de Janeiro, 12 de março de 1895.

SUMMARIO = O Carnaval -- Os Fenianos -- Um chinês em bolandas -- Bonds electricos -- O diabo em Pernambuco -- Agostinho Barros.

O Carnaval, que eu julgava decrepito, appareceu-me adolescente e galhofeiro, conservando ainda a vitalidade primitiva dos tempos pagãos.

Resurgindo da voragem dos tempos, protestou contra a moral dos philosophos e hygienistas, que o queriam lynchar, roubando-lhe o direito que tem de rimar trez dias.

Firmado n'este privilegio o Carnaval recorreu para a estatua equestre de D. Pedro 4.^o o ambicioso, que deferiu ao recurso, mostrando-lhe na dextra a carta de licença, para que o velho safado

fizesse pirraça aos seus simulos antagonistas, vagueando nas praças publicas de braço dado com a sua amasia Folia que é, como se sabe, uma grande desavergonhada.

E os philosophos ficaram burlados e condemnados nas castas, para que não os fizessem preleções de theorias reprovadas.

Os sectarios de Momo festejarem o fausto acontecimento, e depressando a saborosa orchestra de porco, desperdiçaram em mil phantasias de setim e vellado os magrissimos cobres que possuíam; erigiram templos, onde se não bate com a mão no peito, instituíram a dança macabra do requiebrado *Muzico*, gemino das *bandas di ab*; inventaram enormes guardasões, como a barraca de campoula do padre Francisco de Lamas, e por ultimo metamorphosearam-se em burros, cavallos (salvos sejam) urros, morecos, elovus, bebés, diabretes e em toda a bicharia má e horrenda, para coroarem com *confatti* e enlaçarem com serpentinas as nymphas do mundo duvidoso que, *castamente* vestidas, procuraram, como elles, os templos carnavalescos para incitar a lascivia, a verve e a troça. *Publicas!*

Na parodia sobresahiram os socios de legendario club dos Fenianos, que, com ingenho e arte, bigo learam nas ruas da cidade, a L.teria Nacional representada pela cabeça de Serzedelo Correa, victima do despotismo, em que os premios entravam brancos pela bocca e sahiram pretos pela nuca; escazellaram, sem dó nem piedade, o carro fatidico 136 V, em que no tempo da revolta eram mettidos os passageiros suspeitos, e ali azragados e espalmatoados pelo inquisitor Vespasiano, militar e director da Estrada de Ferro Central, representaram ao vivo a famosa *virgula* e os medicos que, largando a pyrotologia, armarámsse de enormes clysteres para matar a bicha e os doentes; metteram no ridiculo o *commercio lucrativo das floristas*, o jardim zoologico a que chamaram *muldndrologico* (1) e os *book mackers*, que foram derrotados pela policia.

Não escapou á parodia o snr. Castilho que, escarranchado n'um pranchão balanceava-se com o Saldauba da Gama, apontando ambos para um barril de *paraty*, e para os trinta carros que fornavam o prestito.

Foi com este apparato que morreu o Carnaval que radiante de poesia e suor alquebrado pela fadiga, triste e vilipendiado, legou ao anno de 1895 os farrapos que a loucura inventou, os bombos e caixas zabumbadas com convieção á moda do Minho, por possantes Zés Pereiras, e todos os terranchos de X P T O, que promoviam a gargalhada.

(1) Em outra carta dihei a proveniencia da alcunha.

Em paz de lance até ao anno vindouro, e a que terra lhe seja level

A tripulação do navio inglez *Saperb*, tambem teve a bordo o seu Carnival, servido de *pievrot* a figura de carne e osso do chinês *Abtock*, que com o seu rabicho fugiu da China, dando ao diabo os mandarins.

Para vir para aqui mettu-se com os inglezes, bons diabos mas muito bebados, e peores que os subditos de Sua Magestade o *mi-ko* do Japão.

O pobre chinês guiado pelas apparencias, ignorava que os bretões faltassem ao respeito ás *coisas celestes*, quando estivessem com a costumada *perua*; mas ficou desenganado quando as bordadas, traçidas pelo *Waine Port*, lhe cahiram na pelle amarellada, a ponto de entrar no hospital misericordioso, gravemente contundido.

E para que o chinês fique sabendo o peso que tem as bordadas que os inglezes dão no velho Portugal.

O demonio do Progresso introduziu-se n'esta capital sob a forma d'un bond electrico, mensageiro da terrivel Parca.

O novo systema de tração electrica, que faz diabruras de todos os systemas, é mais terrivel que o *virgulago*, e mais destruidor que um canhão Krupp, porque tem a vantagem de capar e assobiar ao mesmo tempo: — mata com o choque tranmatico, e calcina com as centelhas que o motor despeja. Duas mortes distinctas, e uma só verdadeira!

Impagavel invento! Poupa o trabalho burrial, mas em compensação manda para o outro mundo, com viagem paga os burros que fazem viagem para o Catete e Jardim Botânico.

Os que quizerem ter uma morte macuca, muito suave, esuzam de recorrer á ameixa sem carço ou ao espeto: basta fazerem testamento, e metterem-se n'um dos sobreditos cujos, porque a morte os impolgará pela medicea quantia de cem reis. Baratinha sue a festa...

Se esta nova especie de *apoplexia fulminante* se plantasse ahi, o Pantocho dava vivas ao Progresso porque não tinha mãos a medir nem tempo a perder. Experimentem!...

Ha o diabo em Pernambuco; os jornaes dizem mosquitos por cordas e cordas por mosquitos, por causa da eleição estadual; o *poive espada* desceu de preço; o telegrapho vê-se em papos d'aranha para relatar as proezas altissonas do governador Barbosa Lima, em linnua balburdia infernal e estonteadora, que me hia fazendo pateta

Instigado pela curiosidade, lia avidamente os jornaes, mas estes só repetiam: — victima, dois tiros, nas costas, traçoçirramente, monturo, cavalleria, estado comatoso, barbaros, e o diabo a quatro.

Recorren-to ao visinho Tagavella, prendado em lettras e novellistas com um barbeiro, soube por elle que o governador de Pernambuco — Barbosa Lima, fizera justiça de Fafe, mandando assassinar traçoçirramente o doutor José Maria d'Albuquerque Mello, perna no caeno popular, jornalista e o idolo d'un grande partido, porque lhe disputava a eleição estadual.

A victima recebeu dois tiros nas costas, disparados á queima roupa pelo chefe de policia Magno, e pelo commandante de cavalleria Ottoni, que, dehumanamente, atiraram com o doutor José Maria, em estado comatoso, para um monturo, onde passadas tres horas d'agonia, falleceu sem soccorros medicos!

Apezar do nefando crime se ter perpetrado no dia 4 do corrente, as auctoridades judicias ficaram em paz... e ás moscas!

Clama ne cesses!

Chegou a esta Capital Federal dos Estados Unidos do Brazil, vindo de S. Paulo, o snr. Agostinho Fernandes de Barros, que diz das batatas de Castro Laboreiro, o que Malôna não disse do toucinho.

Agradecendo-lhe o *elogio batatal* e a amavel visita que me fez, desejo-lhe que encontre em Cachoeira, para onde parte brevemente, as felicidades que almeja.

Au revoir!...

V. B.

ANNUNCIOS

AVISO

A commissão organisadora dos festejos a S. João n'esta villa, no corrente anno, avisa, por este meio, todas as pessoas que tenham bilhetes da rifa do porco, de que o diuheiro, producto dos mesmos bilhetes em beneficio dos referidos festejos, tem de dar entrada no cofre até ao fim do corrente mez d'abril, impreterivelmente.

Para isso, nomeia seu thesoureiro, o snr. Francisco Rodrigues Barreiros, digno pharmaceutico, d'esta villa, a quem devem ser entregues todas e quaesquer quantias.

Loja Nova do Cantinho

LARGO DO CHAFARIZ
MELGAÇO

Feliciano Candido d'Azevedo Barroso (o Cantinho), proprietario d'este novo estabelecimento, convida o respeitavel publico a que visite esta recente casa de negocio, onde encontrará variado sortido d'objectos de mercearia, fazendas, louças, ferragens, papellaria, calçado, e mais artigos de commercio. por muito, os quizes se vendem por preços modicos, em cuja occasião analizarão o bom gosto, inexcedivel limpeza e acção dos mesmos. (82)

LOJA NOVA

REBO

Antonio Joaquim Esteves

MELGAÇO

O proprietario d'este muito conhecido estabelecimento participa a todos os seus freguezes, e ao publico em geral, que recebeu um grande sortido de pannos crús, que vende a 60, 70, 80 e 100 reis; um completo sortido de riscados a 50, 60 e 70 reis; grande variedade de cotins a 80, 90 e 100 reis, cazemiras, picotilhos, meias camizolas e muitas outras miudezas, tudo mais barato do que na Galliza.

Vender muito e ganhar pouco é o systema adoptado na Loja Nova do Esteves.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

ANTIGA CASA DO RAINHA

Praca do Commercio

MELGAÇO

Feliciano Candido d'Azevedo Barroso (O CANTINHO), successor do antigo negociante «Rainha», não pode deixar de orientar os seus freguezes, que este antigo estabelecimento continua a gosar os bons credits que sempre gosou de «BARATEIRO», para o que podem experimentar e verão a verdade do que se annuncia. (83)

Ver e crer como.....

MACHINA DE COSTURAS

MEMORIA

JERONYMO F. DE BARROS, tem no seu estabelecimento as celebres machinas de costura **MEMORIA** as quizes lhe são fornecidas por JOSÉ M. GAMA, de Ponte do Lima, a quem foi dado o exclusivo de venda n'este distrito.

Machinas a 4:500, 11:000, 16:000, 22:500, 32:000, 40:000 reis e mais preços.

VENDAS A DINHEIRO E A PRESTAÇÕES
Ensino gratis.

COLLEGIO DE SANTA CLARA

REBO

VALENÇA

DIRIGIDO POR IRMãs HOSPITALEIRAS PORTUGUEZAS

NRSTE collegio proporciona-se ás alumnas uma educação verdadeiramente christã a par de uma instrução esmerada.

O ensino comprehende a instrução elementar e complementar: lingua franceza, desenho, solfejo, musica, piano e canto, labores &c.

No escriptorio do ex.^{mo} snr dr. Antonio Joaquim Durães, fornecem-se prospectos a quem os requisitar.

PROBIDADE

COMPANHIA GERAL DE SEGUROS

CONTRA FOGO

UNICO representante em Melgaço, Feliciano Candido d'Azevedo Barroso (o Cantinho). (80)

MACHINAS DE SINGER (PARA COSTURA)

As melhores até hoje conhecidas.—A prestações semanacs. Grandes descontos a prompto pagamento.

Vende-as em Melgaço, o seu representante.

Feliciano Candido d'Azevedo Barroso (o Cantinho). (81)

Na officina de composição e impressão do jornal O ALTO MINHO, em MONSÃO.

12-Rua de S. Francisco-24